

Heandro Gomes de Barros

O nascimento de Antonio Silvino

—  
Historia da India



A' venda na rua do Alecrim n. 38 E

159  
206  
902

28

Não quiz mais tomar conselho  
Estou como gato escaaldo  
Que até mesmo n'agua fria  
Teme não seja pellado. —



## A india

(I. Volume)

Setenta annos depois —  
Que o Brazil foi descoberto,  
Inda haviam muitos indios  
O paiz era deserto,  
Todo solo brasileiro  
Era por mattas coberto.

O Governo portuguez  
Afim de colonizar  
Mandava Governadores  
Aos indios domesticar, —  
Dizendo uma tribu ou outra  
Pode se civilisar.

Na Parahyba do Sul  
Chegou na capitania

902

Um donatario cruel  
Muitos horrores fazia  
Sympathisou com uma tribu  
Que ali muito perto havia.

Tanto que diversos indios  
Já fallavam portuguez,  
O chefe da tribu era  
Um indio muito cortez,  
Já cultivavam a terra,  
Observavam as leis.

Davam ao Governador  
Afim de serem agradaveis,  
Diversos peixes e caças,  
Objectos apreciaveis  
Redes, tecidas por elles  
De pennas de certas aves

Então o Governador  
Tambem os gratificava  
Dava roupa para a tribu  
Os ferros que precisava  
A tribu tambem por si  
Daquillo não abusava.

Eram setecentos indios  
N'uma malóca aldeiados,  
Tresentas e seis mulheres  
Cento e dez homens casados  
Entre rapazes e creanças,  
Mas todos incorporados.

Jupy éra um indio moço  
Com vinte annos de idade  
Parecia um portuguez  
Em feições e qualidade,  
Era um desses, que um somente  
Defende qualquer cidade

Tinha a cor bem alvacentá  
E seu nome era Jupy.  
Uma india prima delle  
Que se chamava Necy,  
Onde coragem e firmeza  
Só chegaram até alli.

Um portuguez miseravel  
Se namorou de Necy  
Então o chefe da tribu  
Espulçou elle d'alli,  
Dizendo que aquella india  
Era noiva de Jupy.

Esse infeliz portuguez  
Um perito traidor,  
Foi ao palacio e lá disse  
Ao proprio Governador,  
Que o chefe da tribu era  
Um grande conspirador.

Jurou lá que tinha visto  
A tribu já reunida  
Para atacarem a cidade  
E depois dessa vencida

Dos portuguezes d'ali  
Nem um ficava com vida.

O Governador primeiro  
Não o quiz acreditar  
E mandou dizer ao chefe  
Que queria lhe falar,  
Que era apenas um conselho  
Que elle queria lhe dar.

O portuguez traidor  
Ficou com isso vexado.  
Armou-se e sahio occulto  
E emboscou o soldado  
Atirou n'elle e matou-o  
Antes de dar o recado.

Apparece a praça morta  
Ahi o povo jurava  
Que o portuguez não mentiu,  
Era exacto o que contava  
E os indios tinham morto  
A praça quando voltava

O donatario mandou  
Cem praças cercarem a aldeia,  
Mas o chefe disse a força :  
Eu não moro em terra alheia,  
Nós morremos em pleno campo  
Mas ninguem vai a cadeia.

Porque não acho motivo  
Para esta imposição

O governo não nos disse  
Que nos dava protecção ?  
Quer agora nos prender  
Isso assim não é acção.

Disse-lhe o official :  
Voce estava revoltado  
E o governo mandou  
Chamal-o por um soldado  
E esse quando voltava  
Foi no matto assassinado.

Disse o chefe : que revolta ?  
Aqui vai tudo direito,  
Nós respeitamos os brancos  
Guardamos delles o preceito  
Nos levantam agora falso ?  
Não vê que isso não tem geito ?

Disse-lhe o official :  
Eu quero é sua prisão  
Vai a tribu toda presa  
A' minha disposição,  
Então o governador  
Lá que lhe dé o perdão.

Isso não ! disse-lhe o chefe  
Morre tudo e ninguem vai ;  
Vou aventurar a sorte,  
Ver a desgraca em quem cai ,  
A miseria nos procura  
Deus tambem será meu pai.

A força atirou nos índios,  
Os índios também romperam ;  
Sescenta e nove soldados  
Nesse combate morreram ;  
Mataram o chefe da tribo  
E trinta índios prenderam.

Prenderam os mais valentes  
Como bem fosse Jupy.  
Agabatan irmão d'elle  
E a formosa Necy ;  
As lagrimas de mais ternura  
Viu se gotejar ali.

Até as pedras choravam  
Se vissem exclamar Necy,  
Dizendo : antes eu morresse  
De que ver preso Jupy,  
O homem que sua imagem  
Trago n'sse peito aqui.

E foram para a prisão  
Todos índios escoltados,  
Entregue a diversas feras  
Por elles tão maltratados,  
Alguns não chegaram lá  
Porque estavam baleados.

Botaram os índios em um quarto  
Necy delles separada  
Uma sentinella na porta  
E ella dentro amarrada,

Ella ouviu Jupy chorando  
A uma hora da madrugada.

Ella ahí mordeu as cordas  
Com furia de um leão,  
Cortou ambas com os dentes  
E na mesma occasião,  
investiu a sentinella  
Matou a e tomou o facão.

E foi á prisão dos índios  
Botou abaixo o portão  
Matou dous guardas na porta  
Entrou dentro da prisão  
Solton Jupy e os outros  
Rapida como a exhalção,

Quando o guarda estremeceu  
Estava a desgraça na praça  
Necy dizia a Jupy :  
Branco comnosco não faz graça  
Dos brancos que me prenderam  
Eu acabo até a raça.

Disse Necy a Jupy :  
Voce não saia do centro  
Eu fico na retaguarda  
Haja o que houver não entro  
Já mandei doze ao quartel  
Carregar todo o armamento.

O general conhecendo  
Que não podia ganhar

Mandou tocar a retirada  
E tudo se retirar  
Os indios levaram as armas  
Ninguem as pode tomar

Chegaram os indios na aldeia  
Acharam um grande estandarte  
Feridos não tinha conta  
E mortos por toda a parte,  
Duzentos e quatro indios  
Morreram nesse combate.

O governador doente  
Perguntava admirado:  
O que se deu com os indios?  
Quem os teria soltado?  
Da forma que aconteceu  
Não respondia um soldado.

Apenas disse um sargento:  
Aquella india formosa  
Brigava até com os dentes  
Como uma cobra raivosa,  
E' mais valente que os indios  
Tem força e é valorosa.

**Continua nas Promessas  
do Governo.**



6096  
O auctor reserva o direito de pro-  
priedade

---

*Typographia Moderna*

---

Luiz Alves Ferreira Leite

Casa de Confiança

---

*Especialista em trabalhos  
concernentes a arte  
typographica. Aprrompta se  
com á maxima brevidade  
e por preços resu-  
midissimos: Memoranduns,  
Facturas, Contas, Reci-  
bos Cartões de participações,  
Cartões de visita, etc., etc.  
Acceita a publicação  
de jornaes e revistas.*

---

Rua Duque de Caxias n. 38  
**PERNAMBUCO**

(LGB)